

Seletividade marital de casais de mesmo sexo no Censo brasileiro de 2010

Palavras-chave: conjugalidade , seletividade marital, gênero, casais de mesmo sexo.

Autora: Fernanda Fortes de Lena (Unicamp/IFCH)

Co-autoras: Maria Coleta F. A. de Oliveira (Unicamp/IFCH/NEPO); Gláucia dos Santos Marcondes (Unicamp/IFCH/NEPO)

Introdução

Os estudos sobre seletividade marital envolvem compreender o fenômeno de escolhas de parceiros conjugais sendo um tema trabalhado em diversas áreas¹ do conhecimento. O interesse por se entender os padrões de uniões entre casais se iniciaram em países formados grande parte por imigrantes, como os Estados Unidos, e tinham o objetivo de verificar se os indivíduos de diferentes nacionalidades integravam-se entre si (KALMIJN, 1998).

Em relação aos estudos de família, a formação do casal conjugal ainda é a maneira pela qual a sociedade ocidental legitima o início da constituição de uma família. Nesse sentido, compreender como são formados os casais e as consequências dessa composição segundo algumas características sociodemográficas são importantes para dimensionar as possíveis segregações sociais devido ao fenômeno de endogamia² recorrente entre casais de diversos lugares (KALMIJN, 1998; KALMIJN & FLAP, 2001; RIBEIRO & SILVA, 2009; BECKER, 1981).

Nesse sentido, esse trabalho analisa as taxas de endogamia entre cônjuges de mesmo sexo segundo as características educacionais, de idade e de cor/raça, a fim de avançar nos estudos relativos as escolhas conjugais no Brasil. E, dessa maneira, perceber a composição desses casais segundo os fatores sociodemográficos que permitem testar hipóteses na tentativa de explicar o fenômeno de seletividade marital nesses grupos.

Os estudiosos de estratificação social e mobilidade social também utilizam das escolhas conjugais para delimitar as barreiras sociais entre diferentes grupos sociais (TORCHE, 2010; SILVA, 1987; MARE, 1991; WELCH, 2000). Ademais, outra linha de interesse desses estudos está ligado ao fato de que casamentos entre diferentes grupos sociais diminuem as distinções culturais entre as gerações futuras, dado que os filhos dessas relações provavelmente irão se identificar com mais de um grupo social (KALMIJN, 1998). Logo, ao utilizar essa lógica nos estudos sobre seletividade entre casais do mesmo sexo, pode-se abstrair a hipótese de que uma menor endogamia entre esses casais poderá representar uma diluição de atitudes negativas em relação aos homossexuais entre diferentes grupos sociais.

¹ Ver Kalmijn e Flap (2001) para maiores detalhes sobre diferentes teorias sobre seletividade marital.

² Homogamia pode ser entendido como endogamia, ou seja, uniões entre pessoas de grupos sociais semelhantes (RIBEIRO E SILVA, 2009).

Inicialmente é feita uma breve revisão bibliográfica sobre os principais trabalhos que abordam a temática de seletividade marital de casais de mesmo sexo. Em seguida é feita a distribuição dos cônjuges por níveis de instrução, cor/raça e hiato da diferença de idade. Posteriormente, são analisadas as taxas de endogamia segundo nível de instrução e cor/raça desses cônjuges fazendo distinção por sexo e grupos de diferença de idade entre os cônjuges. A finalidade de analisar essas taxas é, primeiramente, identificar os níveis de homogamia entre os grupos. A outra finalidade é comparar se casais de homens e mulheres tem comportamentos diferentes quanto a escolha do parceiro(a). Dessa forma, a contribuição desse estudo perpassa os temas de composição conjugal e seletividade marital, e tangencia a discussão acerca de estratificação social.

Revisão bibliográfica sobre seletividade marital de casais de mesmo sexo

Entre os estudos sobre seletividade marital, o trabalho de Jepsen e Jepsen (2002) pode ser destacado pela primazia ao contribuir para a discussão das escolhas conjugais por parte de casais de mesmo sexo utilizando os dados do Censo norte-americano de 1990. Ademais, os autores avançaram nos estudos sobre seletividade marital ao utilizarem da análise multivariada como metodologia, ou seja, consideraram as características de idade, educação e cor/raça simultaneamente nas escolhas maritais. Jepsen e Jepsen (2002) verificaram se casais de mesmo sexo coabitantes, casais de sexo oposto coabitantes e casais de sexo oposto casados se diferenciavam em relação as escolhas maritais segundo características individuais (idade, cor/raça e educação). Estudos anteriores (LANER, 1977; BADGETT, 2001; SERGIOS & CODY, 1986) fazem uso de amostras pouco representativas quantitativamente, os quais sugeriram que casais de mesmo sexo são menos endogâmicos que os casais de sexo oposto.

O trabalho de Jepsen e Jepsen (2002) concluiu que todos os tipos de casais são endogâmicos em relação a idade, cor/raça e educação, sendo os parceiro de sexo oposto casados os mais similares entre si. Os autores ainda verificaram as similaridades entre características de mercado de trabalho (renda, horas trabalhadas, ganho por hora trabalhada e ocupação) na tentativa de perceber se havia especialização entre os casais quanto a essas características. Os resultados foram pouco conclusivos em relação aos casais de mesmo sexo. Para casais de sexo oposto

casados, percebeu-se menor similaridade entre essas características, conferindo um certo grau de especialização em relação a renda no qual os homens ganhavam mais que as mulheres. Resultado esse que está de acordo com a literatura sobre desigualdade de gênero no mercado de trabalho (ROSENFELD & KALLERBERG, 1991).

Posterior aos estudos de Jepsen e Jepsen (2002), Schwartz e Graf (2009) avançaram nas análises sobre seletividade marital de casais de mesmo sexo nos EUA ao incorporarem a dimensão temporal com o Censo de 2000. Isso permitiu comparações entre os períodos de 1990 e 2000 verificando se haviam mudanças nos padrões de seletividade dos casais de mesmo sexo. Schwartz e Graf (2009) demonstram que casais de homens têm maior probabilidade de se unirem a parceiros com maior diferença de idade que os outros casais. Segundo os autores, o fator educacional é uma das poucas características em que os padrões se assemelham entre os casais analisados sendo todos mais endogâmicos em relação ao nível de instrução comparado as outras características sociodemográficas. Também houve pouca variação nas probabilidades entre os períodos analisados.

O aumento da disponibilidade de dados sobre casais de mesmo sexo em diferentes países possibilitou o avanço nos estudos a respeito desses casais. Verbakel e Kalmijn (2014), a partir dos dados da *Dutch Labor Force Survey* entre os períodos de 2001-2007, compararam os padrões de seletividade de quatro tipos de casais: casais de mesmo sexo coabitantes, casais de mesmo sexo casados, casais de sexo oposto coabitantes e casais de sexo oposto casados.

O trabalho de Verbakel e Kalmijn (2014) propõe testar os quatro principais argumentos teóricos utilizados para justificar os níveis de homogamia encontrados em outros estudos sobre seletividade marital. A primeira hipótese sobre a homogamia diz respeito ao mercado matrimonial, ou seja, as oportunidades de se encontrar um parceiro ou parceira. Entre os fatores que influenciam essas oportunidades podem ser identificadas a segregação espacial, locais de socialização (escola, clube, bairro, etc.) e composição sociodemográfica da população inserida nesse “mercado” (BECKER, 1981; ROSENFELD & KIM, 2005). Diante disso, argumenta-se que o mercado matrimonial de homossexuais é menor em tamanho absoluto diminuindo a probabilidade de encontrar pessoas similares entre si. Isso pode elevar a frequência de uniões exogâmicas de casais de mesmo sexo (VERBAKEL E KALMIJN, 2014). Ora, esses mercados estão predominantemente localizados em espaços urbanos com maior

tolerância de diversidade cultural, o que pode influir para uma composição mais heterogênea de características sociodemográficas.

A segunda hipótese está relacionada ao caráter não convencional do relacionamento exogâmico, como preconceito e normas sociais que são algumas razões que têm servido como justificativa para as baixas frequências de uniões entre diferentes grupos sociais; principalmente, quando se analisa uniões inter-raciais de casais de sexo oposto (BLAU & SCHWARTZ, 1984; RIBEIRO & SILVA, 2009). Assim, como as uniões entre os casais de mesmo sexo são consideradas essencialmente não convencionais, poderiam ter maior facilidade em constituírem casais mais exogâmicos.

A terceira hipótese envolve o nível de compromisso estabelecido entre os casais. Alguns estudos (ANDERSSON et. al., 2006; VERBAKEL & KALMIJN, 2014) destacam a diferença de status conjugal a fim de demonstrar diferenciais quanto aos padrões de escolhas conjugais entre casais coabitantes e casais casados. De acordo com essa hipótese relacionamentos de coabitação não possuem uma seriedade tão firme. Logo, os indivíduos são menos restritivos quanto as características do parceiro. Entre os estudos sobre seletividade entre casais de mesmo sexo, Verbakel e Kalmijn (2014) são os únicos que puderam fazer essa diferenciação de estado civil, na medida em que a Holanda foi o primeiro país a permitir o casamento civil entre pessoas de mesmo sexo no ano de 2001. Diante disso, essa hipótese não pode ser testada no caso brasileiro, pois em 2010 ainda não era permitido o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

Por fim, a quarta hipótese pontua a recente tendência de indivíduos buscarem relacionamentos mais igualitários³. Dessa forma, haveriam uma maior homogamia entre os cônjuges, pois a similaridade entre características de idade e educação constituiriam relações menos hierarquizantes. Entre as quatro hipóteses abordadas nos estudos sobre seletividade marital, essa última é a única que propõe uma maior homogamia entre casais de mesmo sexo (JASPERS & VERBAKEL, 2013; HEILBORN, 2004).

Os resultados de Verbakel e Kalmijn (2014) apontam que em geral os casais de mesmo sexo formado por homens tem níveis mais baixos de homogamia que

³ Ver Heilborn (2004)

casais de mesmo sexo composto por mulheres e casais de sexo oposto. Também a composição por sexo do casal sugere ser mais influente nos níveis de homogamia que o estado conjugal do casal.

Os estudos sobre seletividade marital de casais do mesmo sexo no Brasil foi explorado primeiramente por Lena e Oliveira (2015). Neste estudo, as autoras fazem comparações entre as taxas de exogamia e endogamia de casais do mesmo sexo e casais de sexo oposto. As autoras fazem uso de modelos log-lineares, afim de testar quais modelos que melhor se ajustam as escolhas conjugais segundo de educação, cor/raça e grupo etário.

Lena e Oliveira (2015) encontraram taxas de endogamia em relação a cor/raça e nível de instrução de 57,43% e 55,77% para casais do mesmo sexo, respectivamente. Ademais, as autoras apontaram para uma taxa de exogamia de 62,33% entre casais de mesmo sexo em relação ao grupo etário. De acordo com as autoras, para os casais de mesmo sexo as características de idade e nível de instrução são importantes na escolha do parceiro. Um dos resultados mais relevantes nesse trabalho são as preferências de uma elevada parcela desses casais por cônjuges de diferentes grupos etários.

No entanto, há duas questões que não foram respondidas por esse estudo que dizem respeito ao hiato da diferença de idade entre os cônjuges e uma análise que faça diferenciação entre casais de homens e mulheres. Diante disso, esse trabalho avança ao detalhar os diferenciais de idade entre os cônjuges de mesmo sexo homens e mulheres. E, dessa forma, verifica se há diferenciais quanto a escolha por idade entre casais de mulheres e casais de homens. Além disso, testa as hipóteses apontadas por Verbakel e Kalmijn (2014) a fim de verificar quais se enquadram ao caso brasileiro.

Seletividade marital entre casais de mesmo sexo no Brasil

Essa parte consiste em investigar as preferências dos cônjuges por se unirem a parceiros similares ou diferentes segundo as características de idade, cor/raça e nível de instrução. Essas características foram selecionadas, pois são as mais utilizadas para estudos sobre seletividade marital e por isso são fatores que comprovadamente fazem diferença na escolha do parceiro. As idades dos cônjuges podem denotar uma hierarquia conjugal caso a diferença entre elas ultrapasse um valor que torne aqueles indivíduos pertencentes a diferentes gerações. Um outro viés de análise diz respeito a

desigualdade racial existente na sociedade brasileira. Ou seja, relacionamentos interraciais podem representar uma quebra com as normas sociais estabelecidas. Estudos sobre seletividade como de Qian (1997), nos Estados Unidos entre 1980-1990, identificou que em uniões interraciais há uma tendência que as relações sejam endogâmicas educacionalmente. Adicionalmente, Qian (1997) conclui que quanto maior o nível de instrução maiores são as proporções de uniões interraciais.

Os estudos sobre seletividade marital, em sua maioria, focalizam na variável educação como primordial nas escolhas maritais. O nível de instrução entre os cônjuges denota não apenas um poder cultural que um parceiro tem sobre o outro, mas também a probabilidade do mais escolarizado ter uma renda superior. Logo, se constitui uma relação de poder dupla entre os cônjuges.

Lena e Oliveira (2015) apresentaram comparações entre as taxas de endogamia e exogamia de casais de mesmo sexo e casais de sexo oposto. Os resultados encontrados pelas autoras apontaram para uma maior exogamia entre casais de mesmo sexo em relação ao grupo etário. Esse resultado demonstra que há uma preferência entre esses casais por cônjuges com maiores diferenças de idade. Os estudos similares em outros países como Jepsen e Jepsen (2002) e Schwartz e Graf (2009) nos EUA, de Verbakel e Kalmijn (2014) na Holanda e Andersson et. al. (2006) na Suécia e Noruega, apresentaram resultados que apontam uma preferência entre cônjuges homens por diferenciais etários elevados. Dessa forma, como o estudo de Lena e Oliveira (2015) não fizeram diferenciação por sexo dos cônjuges, sentiu-se a necessidade de investigar o hiato da diferença de idade entre os casais de mesmo sexo. Além disso, fazer uma separação entre casais de homens e casais de mulheres a fim de testar se havia alguma diferença entre as preferências entre os dois tipos de casais.

A base do Censo de 2010 utilizada nesse trabalho corresponde a uma amostra de 10% da população brasileira com representatividade nacional. Nesse trabalho, especificamente, foi feito um recorte destacando os domicílios com casais do mesmo sexo autodeclarados. Esse recorde da amostra expandida é composta de 67.167 domicílios⁴ sendo que 46,12% são domicílios de casais de homens e 53,88% de casais

⁴ A amostra era composta, inicialmente de 67.360 domicílios expandidos. Foram retirados os casais com declaração de cor/raça como ignorado (19 casais) e casais em que pelo menos um deles tinha menos de 15 anos de idade (58 casais). Além disso, manteve-se apenas os domicílios particulares permanentes ocupados, retirando-se os domicílios particulares improvisados ocupados e domicílios coletivos com morador (116 domicílios no total na amostra expandida).

de mulheres. Os parceiros de mesmo sexo representam cerca de 0,18% do total de casais⁵ contabilizados no Censo de 2010.

Tabela 1 - Distribuição dos responsáveis e cônjuges do mesmo sexo por nível de instrução, cor/raça e grupo etário quinquenal, segundo os sexo dos respondentes – Brasil, 2010

Características sociodemográficas	Homens	Mulheres
Nível instrução		
Sem instrução e fundamental incompleto	15,62	21,98
Fundamental completo e médio incompleto	12,39	17,36
Médio completo e superior incompleto	40,42	39,62
Superior completo	31,57	21,05
	100	100
Cor/Raça		
Branca	58,99	53,85
Parda	31,02	35,49
Preta	8,67	8,95
Amarela	1,02	1,36
Indígena	0,30	0,36
	100	100
Grupo etário		
15 a 19 anos	2,65	3,15
20 a 24 anos	11,57	14,31
25 a 29 anos	19,41	18,71
30 a 34 anos	19,01	19,24
35 a 39 anos	14,41	14,75
40 a 44 anos	13,06	12,95
45 a 49 anos	9,01	9,82
50 a 54 anos	5,49	4,31
55 a 59 anos	2,68	1,83
60 a 64 anos	1,40	0,67
65 anos ou mais	1,31	0,26
	100	100
Total (n)	61.950	72.384

Fonte: IBGE, Censo demográfico – 2010.

A Tabela 1 demonstra a distribuição sociodemográfica dos cônjuges segundo as características educacionais, cor/raça e grupo etário. A primeira grande diferença entre os grupos está na distribuição por escolaridade. Os homens compõe um grupo

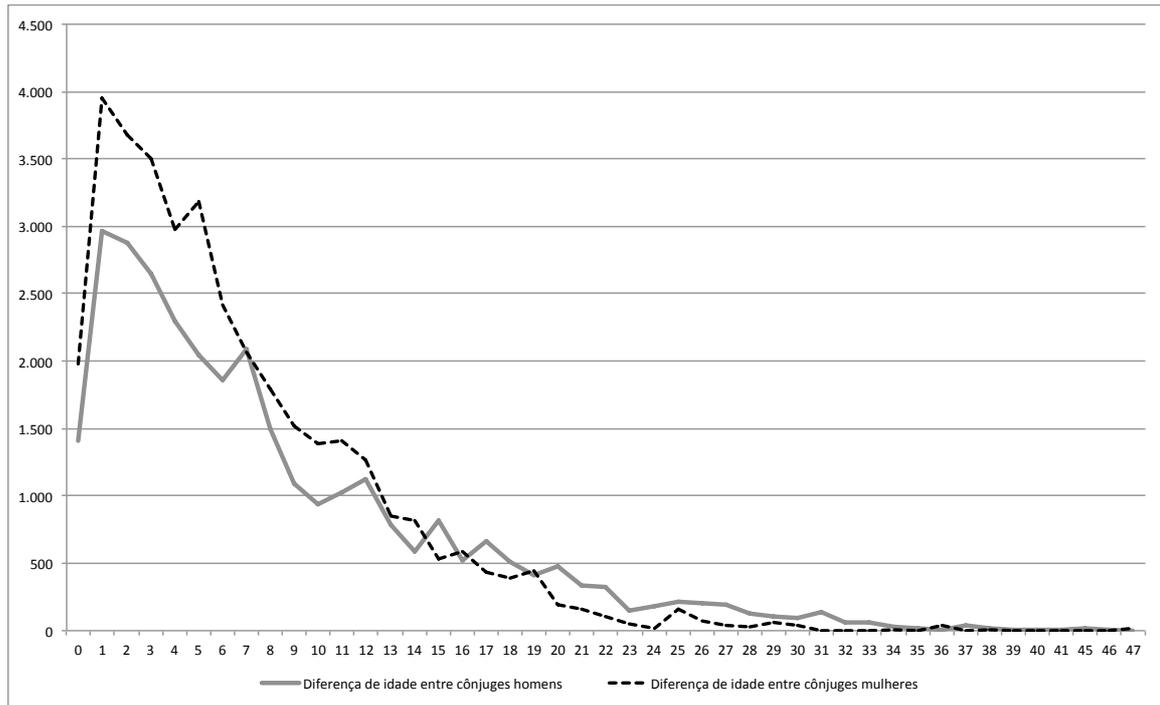
⁵ Segundo o Censo de 2010 há 37.466.376 domicílios nos quais o responsável pelo domicílio compõe um casal conjugal. Dentre esses casais, 37.399.209 são casais de sexo oposto representando 99,82% do total desses casais.

bastante escolarizado, cerca de 31% com ensino superior completo e 40% com ensino médio completo e superior incompleto (Tabela 1). As mulheres também tem alta escolaridade com 39% delas tendo ensino médio completo e superior incompleto. No entanto, comparativamente os cônjuges homens são mais escolarizados que as mulheres, fato este perceptível por uma proporção de quase 10% a mais de homens no nível de instrução mais elevado. Uma escolaridade maior entre os homens é um resultado um tanto quanto inesperado, pois em geral as mulheres no Brasil tendem a ser mais escolarizadas que os homens.

Em relação a cor/raça, há predomínio de indivíduos que se autodeclararam brancos tanto entre homens (58,99%) como entre mulheres (53,85%). A maior porcentagem de brancos entre esse grupo é algo que já tinha sido apontado em outros estudos (GOLDANI, ESTEVE & TURU, 2013; LENA & OLIVEIRA, 2015) sendo diretamente relacionado ao alto nível de instrução entre esses casais, visto que no Brasil os brancos encontram-se em maior proporção entre a população mais escolarizada. Os pardos são o segundo grupo com maior peso relativo tanto entre os homens (31,02%) quanto mulheres (35,49%).

Decidiu-se por analisar o hiato do diferencial de idade entre os cônjuges como pode ser visto no Gráfico 1. Esse gráfico indica uma concentração dos casais de mulheres nos intervalos de diferença de idade menores e o aumento da frequência de casais de homens quando se ultrapassa o intervalo de 13 anos de diferença de idade entre os cônjuges. Essa primeira análise demonstra semelhanças com os resultados encontrados nos outros estudos sobre seletividade marital citados anteriormente.

Gráfico 1 – Distribuição dos casais de mesmo sexo por diferença de idade e por sexo dos cônjuges – Brasil, Censo 2010.



Fonte: IBGE, Censo demográfico – 2010.

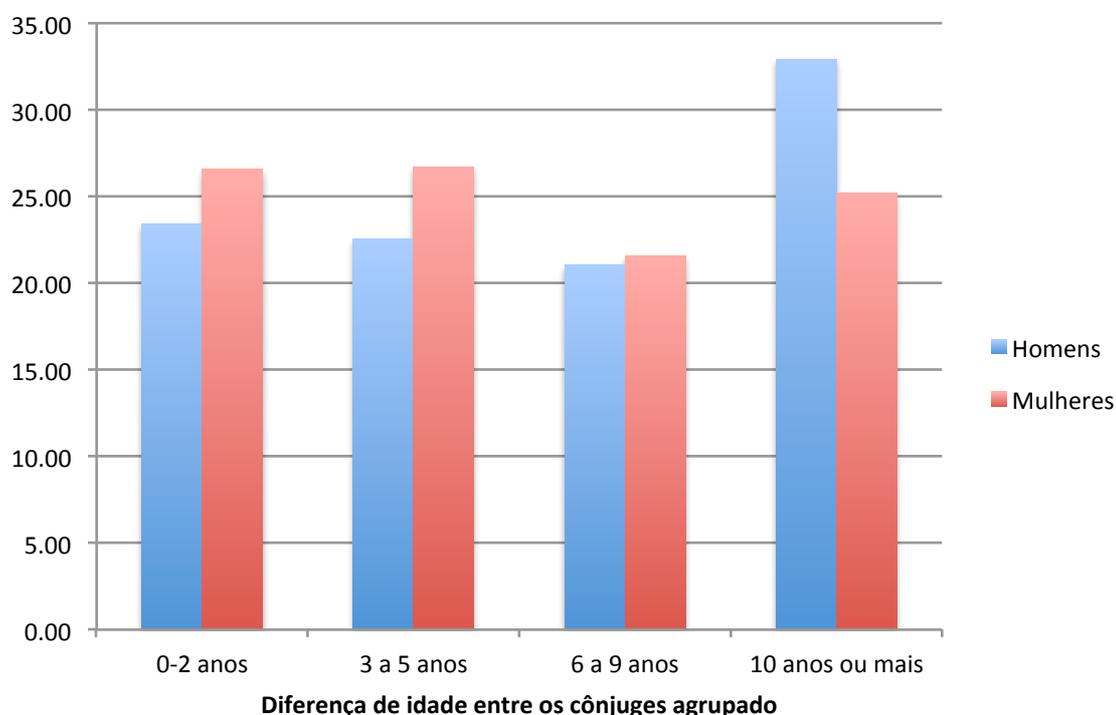
A fim de tornar esses resultados mais compreensíveis, os diferenciais de idade entre os cônjuges foram agregadas nas categorias 0-2 anos, 3 a 5 anos, 6 a 9 anos e 10 anos ou mais. Os resultados dessa distribuição podem ser visualizados no Gráfico 2.

Andersson et. al. (2006) demonstram que tanto na Suécia quanto na Noruega, entorno de 35% dos casais de homens se concentram no hiato de 10 anos ou mais de diferença de idade. Esses valores são próximos aos encontrados no Brasil no qual 32,93% dos casais de homens tem uma diferença de idade de 10 anos ou mais. Os estudos de Schwartz e Graf (2009) utilizam do índice de correlação⁶ entre as idade para perceber a similaridade entre as idades dos casais. Os resultados encontrados pelos autores apontam para uma menor similaridade entre as idades dos homens na escala de 0,477 para o ano de 2000 em relação aos outros tipos de casais estudados que variam de 0,49 para casais de mulheres até 0,627 para casais de sexo oposto casados. Diante disso, é interessante refletir que mesmo a natureza dos dados da Suécia, Noruega, Holanda e Estados Unidos sendo diferentes⁷, os resultados principalmente dos países nórdicos se aproximam bastante aos resultados do Censo brasileiro.

⁶ O índice de correlação varia entre -1 e 1, sendo quanto mais próximo a 1 maior a correlação entre as variáveis.

⁷ Os dados da Suécia e Noruega são provenientes do registro civil, ou seja, dizem respeito somente a casais casados. Os dados da Holanda provém do *Dutch Labor Force Survey* no qual foi possível diferenciar casais casados e coabitantes. Os dados dos EUA advém do Censo que não pergunta explicitamente a relação de parentesco como no Censo brasileiro.

Gráfico 2 – Distribuição em porcentagem dos casais de mesmo sexo por grupo de diferença de idade entre os cônjuges e sexo dos cônjuges – Brasil, Censo 2010



Fonte: IBGE, Censo demográfico – 2010.

A Tabela 2 traz informações sobre a seletividade entre os casais de homens e mulheres por nível de instrução e cor/raça, segundo a diferença de idade entre os cônjuges. Os resultados das taxas de endogamia demonstram que os homens são mais endogâmicos em relação ao nível de instrução (58,21%) e cor/raça (58,72%). No entanto, quando se leva em consideração a diferença de idade entre os cônjuges, percebe-se que quanto maior a diferença de idade entre os casais menor a endogamia em relação ao nível de instrução. Resultado esse similar entre os homens e mulheres. Entretanto, as mulheres acabam sendo mais exogâmicas quando a diferença de idade é maior ou igual a 6 anos em relação ao nível de instrução.

Em relação as taxas de endogamia por cor/raça não existe um padrão como ocorre com o nível de instrução. Percebe-se que entre os homens não há grande variação na escolha por parceiros da mesma cor/raça, apontando para uma preferência por parceiros da mesma cor independente da diferença etária entre os casais. As mulheres tiveram um comportamento similar aos homens nesse aspecto. Entretanto, no geral as mulheres são menos endogâmicas que os homens em relação a cor/raça.

Nesse sentido, as mulheres são mais endogâmicas em relação a idade e os homens em relação a escolaridade e cor/raça.

Na pesquisa feita na Parada de Orgulho LGBT no Rio de Janeiro em 2004, foram feitas perguntas sobre preferência de parceiros segundo algumas características como nível de instrução, faixa etária, renda e cor/raça. Entre as respostas possíveis havia a opção “indiferente”. Os resultados da pesquisa apontam que 62% do grupo entrevistado respondeu ser indiferente a característica cor/raça na escolha do parceiro. No entanto, os próprios pesquisadores em uma nota afirmam que por ser um evento que promova a luta por direitos e igualdade poderia ser considerado politicamente errado a confissão de critérios raciais na escolha do parceiro. Nesse sentido, os resultados do Censo de 2010 explicitam que esses critérios são levados em consideração pelo menos em se tratando de indivíduos unidos e coabitantes.

Além disso, a pesquisa indica que entre as características de idade e nível de instrução somente 31% responderam ser indiferentes a essas características na escolha do parceiro, 39% indicaram preferir parceiros(as) com o mesmo nível de instrução e somente 27% preferiram parceiros da mesma faixa etária. Ou seja, ter o mesmo nível de instrução aparenta ter mais importância que a mesma idade entre os entrevistados. Esse resultado, portanto, também carrega similaridades com o Censo de 2010, principalmente, em relação ao nível de instrução no qual a taxa de endogamia varia entre 52,25% e 65,37% entre homens e 46,97% e 57,95% entre mulheres; denotando uma diferença de preferências segundo sexo por nível educacional.

Em relação as taxas de endogamia dos casais de mesmo sexo, os estudos de Lena e Oliveira (2015) apontaram para uma taxa de endogamia de 55,77% em relação ao nível de instrução e 57,74% em relação a cor/raça. Ao separar os casais por sexo, percebe-se um diferencial entre as taxas em que os casais de homens são mais endogâmicos que as mulheres nos dois aspectos analisados. Os valores de endogamia encontrados para os casais de homens estão mais próximos ao encontrados para casais de sexo oposto (58,69%). Em termos das taxa de endogamia em relação a cor/raça, os casais de mesmo sexo não se aproximam das taxas para casais de sexo oposto que estão na faixa de 66% (LENA & OLIVEIRA, 2015).

Tabela 1 - Taxas* de endogamia por nível de instrução e cor/raça, segundo diferença de idade entre os cônjuges, homens e mulheres entre 15 e 65 anos ou mais de idade – Brasil, 2010

Diferença de idade entre os cônjuges	Homens		Mulheres	
	Nível de instrução	Cor/raça	Nível de instrução	Cor/raça
Diferença de 0 a 2 anos	65,37	58,99	57,95	60,12
Diferença de 3-5 anos	63,27	60,53	56,17	50,96
Diferença de 6-9 anos	54,52	56,35	48,69	55,35
Diferença de 10 anos ou mais	52,25	59,01	46,97	56,79
Total	58,21	58,82	52,66	56,05

Fonte: IBGE, Censo demográfico – 2010.

Nota: (*) As taxas de endogamia foram padronizadas o método IPF (Interactive Proportional Fitting).

Para maiores informações sobre o método ver Agresti (1990).

Entre as hipóteses que tentam explicar essa menor homogamia entre esses casais, as que se sustentam de forma mais coerente são as sobre a localização dos mercados matrimoniais desses indivíduos que tendem a ser em sua maioria urbanos. Além disso, a questão desses casais já serem considerados relacionamentos não convencionais facilita a abertura para outras transgressões de normas sociais. Essa hipótese se sustenta especificamente quando analisa-se as taxas de homogamia por diferencial de idade, ao mostrar que essas taxas em relação ao nível de instrução diminuem quanto maior o hiato etário (Tabela 2).

Nesse sentido, há um diferencial entre os resultados encontrados nos Estados Unidos, Suécia e Noruega em relação a homogamia entre esses casais. Nesses países os casais de homens eram os menos homogâmicos em relação a idade, nível de instrução e cor/raça. As mulheres, por outro lado, se assemelhavam aos casais de sexo oposto nos níveis de endogamia. Entretanto, no Brasil os casais de homens são menos homogâmicos em relação somente a idade sendo as mulheres as mais exogâmicas em relação a cor/raça e nível de instrução. Resultados estes que contrariam alguns outros estudos, principalmente, em relação aos casais de mulheres (VERBAKEL E KALMIJN, 2014; ANDERSSON et.al. ,2006; SCHWARTZ E GRAF, 2009).

A hipótese que defende uma maior homogamia entre os casais de mesmo sexo foi utilizada pelos autores para mostrar que os casais de mulheres eram mais homogâmicos, pois buscavam relações mais igualitárias. No estudo qualitativo de Heilborn (2004), a autora chega a conclusões semelhantes que os casais de mulheres são as que mantêm um relacionamento mais igualitário entre os tipos de casais analisados. Logo, era de se esperar que as taxas de endogamia entre as mulheres fossem mais elevadas segundo a hipótese de preferências igualitárias entre esses casais.

Considerações finais

Ao analisar a seletividade marital dos casais segundo a composição por sexo, avançou-se no conhecimento acerca das preferências conjugais desse grupo. Além disso, abre-se a discussão relacionadas as hipóteses que podem explicar a seletividade marital das mulheres e dos homens e como isso influencia na composição dos casais.

Os resultados encontrados nesse estudo apontam para uma menor seletividade entre as mulheres segundo nível de instrução e cor/raça. Em contrapartida, menos seletivos que as mulheres em relação a idade ao passo que mais de 50% dos homens tendem a estabelecer relações com outros com diferença de idade de 6 anos ou mais. As mulheres, nesse aspecto, se distribuem de maneira mais homogênea nos diferenciais etários.

As taxas de endogamia por nível de instrução seguem uma tendência de queda quanto maior a diferença de idade entre os cônjuges. A hipótese de que quanto mais velha a pessoa maior a probabilidade de ter alcançado um nível elevado de instrução pode ser uma possível explicação para essa tendência que é comum a ambos os tipos de casais. Para as taxas de endogamia por cor/raça, não há nenhum tipo de tendência que pôde ser percebido, sendo as taxas referentes a esse fator com maiores valores denotando uma elevada endogamia entre os cônjuges de homens e de mulheres.

A hipótese trabalhada por Verbakel e Kalmijn (2014) sobre os casais de mesmo sexo buscarem relações mais igualitárias somente se sustentam em relação ao fator cor/raça. Dado o contexto de preconceito social no Brasil em relação a cor/raça, que essa busca não seja por um “igual” no sentido mais banal do termo, mas possivelmente por uma busca por seguir uma norma social. Nesse sentido, a hipótese de que feita uma transgressão da norma facilitaria a quebra de outras aparenta não se encaixar no perfil desses casais, principalmente entre os homens.

Por fim, há que se pontuar a falta de conhecimento do mercado matrimonial desses casais, o que limita algumas possíveis conclusões referentes as hipóteses relacionadas a suposição de que seria um grupo mais heterogêneo e logo mais exogâmico. Diante disso, estudos que buscam traçar esse “mercado” seriam de interesse para o avanço dessa área de estudos. Além disso, a combinação desses resultados quantitativos com a utilização de outros estudos de caráter qualitativo podem ser uma solução para as lacunas existentes nesse tipo de análise. Um exemplo

disso, foram as entrevistas feitas nas Paradas de Orgulho LGBT em diferentes capitais do país.

Esse estudo buscou contribuir para um maior conhecimento sobre a conjugalidade de indivíduos de mesmo sexo, assim como dar maior visibilidade para dados quantitativos sobre esse casais. Espera-se que os resultados encontrados nesse trabalho possam servir de fonte de questionamentos para estudos futuros nas áreas de seletividade marital e estratificação social.

Referências

- AGRESTI, A. *Categorical data analysis*. New York: John Wiley & Sons, 1990.
- ANDERSSON, G. et al. The demographics of same-sex marriages in Norway and Sweden. *Demography*, v. 43, n. 1, p. 79–98, 2006.
- BADGETT, M. V. L. *Money, Myths, and Change: The Economic Lives of Lesbians and Gay Men*. Chicago: University of Chicago Press, 2001
- BECKER, G. S. Assortative mating in marriage market. In: *A treatise on the family*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1981. cap. 4, p.108-134.
- BLAU, P. M., SCHWARTZ, J. *Crosscutting Social Circles*. London, Academic Press.1984.
- CARRARA, S. et al.. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9^a Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.120p.
- CARRARA, S. et al.. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9^a Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006. 80p.
- CARRARA, S. et al.. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 5^a Parada do Orgulho GLBT – Pernambuco 2006. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007. 90p.
- GOLDANI, A.M.; ESTEVE; TURU, A. Coming out in the 2010 Census: Same-sex couples in Brazil and Uruguay. Presented at the Annual PAA: Population Association of America of 2013.
- HEILBORN, M. L. *Dois é Par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- JEPSEN, L.; C. JEPSEN 2002.An Empirical Analysis of the Matching Patterns of Same-Sex and Opposite-Sex Couples. *Demography* 39: 435-453.
- KALMIJN, M. Inter marriage and Homogamy: Causes, Patterns, Trends. *Annual Review of Sociology*, 24: 395-421. 1998.
- KALMIJN, M.; FLAP, H. 2001. *Assortative meeting and mating: unintended*

consequences of organized settings for partner choices. Social Forces, Chapel Hill, v. 79, n. 4, p.1289-1312, June .

KURDEK, L. A.. Difference between partners from heterosexual, gay, and lesbian cohabiting couples. *Journal of Marriage and Family* (66): 880-900. 2004

LANER, M.R. Permanent partner priorities: gay and straight. *Journal of Homosexuality*. 3:21-37. 1977.

LENA,F.F., OLIVEIRA , A. M. H. C.. Padrões de Seletividade Relacionados aos Casais Homossexuais e Heterossexuais no Brasil. *R. bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 32, n.1.. p.121-137, jan./abr. 2015.

MANNING, W.D.; BROWN, S.L.; STYKES, J. B. Same-se and different-sex cohabiting couple relationship stability. Working paper series. Bowling Green State University. 2014.

MARE, Robert D. (1991), Five Decades of Educational Assortative Mating. *American Sociological Review*, vol. 56, nº 1, pp. 15-32.

QIAN, Z. Breaking the racial barriers: variations in interracial marriage between 1980 and 1990. *Demography*, Chicago, v. 34, n. 2, p. 263-276, May 1997.

RIBEIRO, C. A. C.; SILVA, N. V. Cor, educação e casamento: tendência da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p.7-51, 2009.

ROSENFELD,R.A.; KALLEBERG, A.L. Gender inequality in the labor market: a cross-national perspective. *Acta Sociologica*. v.34, No. 3. pp. 207-225. 1991.

ROSENFELD, M. J., KIM, B. The independence of young adults and the rise of interracial and same-sex unions. *American Sociological Review*, 70, 541–562, 2005.

SERGIOS, P.A.; CODY, J. Importance of physical attractiveness and social assertiveness skills in male homosexual dating behavior and partner selection. *Journal of Homosexuality*. 12: 71-84. 1986.

SCHWARTZ, C. R.; GRAF, N. L. Assortative matching among same-sex and different-sex couples in the United States, 1990-2000. *Demographic Research*, v. 21, p. 843–878, 2009.

TORCHE, F. Educational Assortative mating and economic inequality: a comparative analysis of three latin american countries. *Demography*, v.47 n. 2. pp.481-502. 2010

VERBAKEL, E.; KALMIJN, M. Assortative Mating Among Dutch Married and Cohabiting Same-Sex and Different-Sex Couples. *Journal of Marriage and Family*, v. 76, n. February, p. 1–12, 2014.